AGRADECIMENTO À HOMENAGEM RECEBIDA*

Tuiskon Dick**

Meu caro Vice-Reitor, professor Pedro Fonseca, amigo de longa data, meus caros professores da mesa. Eu especialmente gostaria de cumprimentar vivamente o magnífico reitor da PACE University e a Profa. Dra. Beverly Kahn pelas suas presenças e, através deles, “my best greetings to all visitors from Pace University, from Argentina, from Europe. It’s a very, very great pleasure to see you here and to have you with us”.

Destaco, inicialmente, que esta é uma homenagem absolutamente não-merecida. Quando eu recebi a informação, há pouco, desta iniciativa, tomei a liberdade de enviar uma carta à Profa. Cláudia Lima Marques, que junto com a Profa. Beverly Kahn e seus companheiros aqui, organizou esse magnífico evento. Trata-se de uma excelente iniciativa, que merece todos os aplausos, e que também confirma os resultados tão positivos obtidos e o importante papel do Programa FIPSE-CAPEX no Brasil, a cooperação efetivamente bilateral com as universidades parceiras dos Estados Unidos da América. Reforçar o reconhecimento público deste programa se torna sempre mais necessário, considerando a ainda recente notícia de sua temporária interrupção. Todas as manifestações de ordem acadêmica representam um precioso apoio à CAPES e, acima disso, à administração.

Em relação à homenagem pessoal prevista neste evento, desejo apresentar minhas preocupações tanto quanto ao mérito, como quanto à sua conveniência. Se essa homenagem diz quanto à minha colaboração no programa FIPSE-CAPEX, devo assinalar que todas as nossas ações na CAPES foram resultado de um esforço coletivo, de equipe. Desde o então

* A forma oral dessa manifestação foi mantida. Degravação realizada pelos acadêmicos de iniciação científica da UFRGS, do Grupo de Pesquisa (CNPq) “Mercosul e o Direito do Consumidor”, da Faculdade de Direito.

** Professor titular e ex-Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

presidente, Prof. Dr. Abílio Baeta Neves, até seu diretor administrativo, Luis Alberto Barbosa, que sempre foi um excelente e insubstituível operador financeiro. Luis Alberto Barbosa está hoje na Fullbright Administration, em Brasília, também como operador financeiro.

Se, por outro lado, a homenagem se refere ao início da atividade do desenvolvimento da ecologia em nossa universidade, em 1973, do que participei, com a fundação, nesta data, do Núcleo Interdepartamental de Estudos Ecológicos (NIDECO), hoje o Centro de Ecologia (CENECO), devo novamente enfatizar que o mesmo não teria tido sucesso se não fosse o esforço coletivo de um grande grupo de professores, além de muitos jovens pós-graduandos e pós-graduados de nossa Universidade. Outra lembrança se refere ao necessário apoio público das extraordinárias contribuições da CAPES na qualificação da universidade brasileira, antes mencionada, de maneira muito apropriada, pelo nosso magnífico reitor, em especial, na gestão anterior e na atual da CAPES, respectivamente, Prof. Abílio Baeta Neves e Prof. Dr. Jorge Guimarães, ambos professores de nossa Universidade.

Evidentemente essa iniciativa de marcar essa parte do Projeto conjunto através do Simpósio está tão bem pensada e merece os nossos mais efusivos aplausos. Abordar ao mesmo tempo a globalização econômica, a sociedade civil e o meio-ambiente, em face da universidade, é uma tarefa complexa e, de certa forma, muito ousada.

1. O DESENVOLVIMENTO DA ECOLOGIA NA UFRGS

Eu desejaria ocupar o tempo das Sras. e Srs. nesses próximos minutos, quem sabe longos demais, procurando focar, dentro de uma perspectiva histórica, como se desenvolveu a Ecologia dentro desta Universidade e como é que ela se relacionou em função do meio ambiente e em função da sociedade civil, para depois, num segundo momento, se me permitirem, abordar o aspecto da importância da Universidade dentro do processo de globalização, tão esquecida dentro do contexto de análises da globalização internacional.

Existe um texto muito interessante, elaborado por Cláudio Moura Castro, também com Buarque de Hollanda, publicado em 1975, creio eu, em uma das revistas de administração, em que ele faz uma análise das Ordenações Manuelinas, elaboradas há 400 anos, onde uma série de determinações foram estabelecidas também quanto ao aspecto ambiental, já naquela época, e ligava a preservação à limpeza dos riachos, à conservação da mata ciliar e punia a quem não obedecesse essas Ordenações. E também punia aqueles que derrubavam árvores de matos. Não hectares de árvores, mas mesmo algumas. O castigo era de tal ordem severo que o infrator era enviado para a África! Caso a agressão atingisse árvores frutíferas, a pena era ainda mais acentuada. Era expulso e enviado para o pior lugar que se conhecia naquela época: para o Brasil. Eu me pergunto hoje, o que vamos fazer e para onde vamos mandar aqueles que derrubaram não só algumas árvores, não alguns hectares, mas uma área enorme, que corresponde ao Estado de Alagoas, somente no ano de 2004, ou o desmatamento da Mata Amazônica. Para onde é que vamos mandar essa gente? Para o Pólo Sul? Vamos, quem sabe,

mandar para Marte ou para a Lua. Tanto aqueles que derrubaram, como aqueles que permitiram que fossem derrubadas. É uma situação muito séria, que espelha, de certa forma, o atraso em relação ao que acontecia há 400 anos.

Em nosso meio, a manifestação mais visível, historicamente, quanto a assuntos ambientais, é a publicação do nosso ex-colega e amigo, Pe. Balduino, sobre a fisiografia do Estado do Rio Grande do Sul. O autor, além de antropólogo, era botânico, e criou o maior herbário naquela época do Estado, que está hoje no Rio dos Sinos. Na fisiografia do Estado, ele descreve os ambientes naturais com precisão. Logo mais no fim da obra, ele descreve também todos os aspectos, todas as características da ciência do meio ambiente, que hoje chamamos de Ecologia.

Posteriormente, nosso Estado teve uma série de iniciativas individuais, de pessoas que atuavam individualmente e faziam com que houvesse uma sensibilização pública para isso. Isso aconteceu na década de 40, mas a situação começou a se agravar. O desenvolvimento da agricultura, o uso de agrotóxicos, o aumento da população urbana, todos os aspectos do novo crescimento que aconteceu sem o cuidado do aspecto ambiental trouxe novos desafios. Em São Paulo foi fundada em 1956 uma sociedade chamada "Amigos da Natureza", através de Paulo Vieira Neto e seus companheiros, mas muito mais acentuado e publicamente mais conhecido foi o processo que nos levou à fundação, aqui, no Rio Grande do Sul, da AGAPAM. Nos ouvíamos, conhecíamos e tudo isso somou para que movimentos próprios comessem a se estruturar agora, coletivamente.

No cenário internacional, a Reunião de Estocolmo e sua declaração em 1972 foi extremamente decisiva, não somente para as pessoas que participaram, mas para todo mundo. Brandão Cavalcante, um representante brasileiro lá em Estocolmo, ao retornar em 1973, insistiu na instalação da chamada Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA). Essa secretaria teve, como primeiro coordenador, por convite de Brandão Cavalcante, o Paulo Vieira Neto, uma pessoa que eu não gostaria de esquecer de mencionar. O Paulo era formado em direito e procurou preocupar-se em aglutinar pessoas em torno de assuntos ambientais. Mais tarde, estudou biologia. Muito mais tarde, fez a livre docência, já na década de 80, para se tornar professor da USP. Mas nesse intervalo ele estruturou a Secretaria e eu me recorde de ter visitado ela neste período. A SEMA estava localizada no Rio de Janeiro e foi o embrião daquilo que hoje é o Ministério do Meio Ambiente neste país. O Paulo Vieira Neto conseguiu construir um órgão oficial nos anos 70 com o estabelecimento de uma série de normas coordenadoras, quando foi, por lei, estabelecido o Conselho Nacional do Meio Ambiente. É uma outra contribuição, outro veículo importante do processo ambiental neste país. E nós, no outro lado da moeda, víamos organizações não-governamentais se mobilizando, mobilizando a opinião pública, mobilizando a imprensa, tendo presença política e traduzindo-se em ações bem importantes, como, por exemplo, a Lei da Proibição dos Organoclorados, de 1982, que foi a primeira no país. Foi extremamente importante esse processo público de sensibilização daqueles que deveriam participar, porque também eram atingidos e também eram interessados no processo. E havia a Universidade e seu papel importante na defesa do meio ambiente.

A Ecologia, como ciência, surgiu muito tarde. O termo foi pela primeira vez estabelecido por Ernst Haeckel, em 1869, várias vezes tomado como ecologia vegetal, ecologia animal, durante as décadas seguintes, especialmente nesse século passado. Nós, cientistas, começamos a olhar o organismo, o indivíduo, como um sistema, com todas as regras e as leis de um sistema. Com auto-controle, com *feedback*, com indicadores, com estabilidade, com regulação interna. A mesma coisa foi aplicada, também nesse período, conceitualmente, ao aspecto do sistema ambiental. Hegel dizia, ainda em relação ao ser vivo com o ambiente, que o ser vivo é produto também dessa inter-relação, além de produto de seu patrimônio hereditário ou genético. Este processo de interação começou a tomar corpo e o assunto ecologia como ciência começou a ser caracterizado. Não penetrou rapidamente na Universidade. Não era assim tão presente o aspecto ecológico. Preservação do meio ambiente, preservação da natureza, tudo isso, mas isso como um sistema, que tem leis, que tem regras, que tem mil indicadores gerais, são questões mensuráveis e podem e devem ser monitoradas. Podem ser trabalhadas qualitativa e quantitativamente. Pode-se aplicar o método científico ao estudo do meio ambiente e à relação dos seres vivos com o ambiente. Isso começou a se consolidar realmente em época mais recente. Por isso, nós nos preocupamos, no início da década de 70, com essa coisa nova que estava surgindo. E como é que se teve isso? Não sei se recordam, pois todos vocês são muito jovens.

2. A MINHA VINCULAÇÃO COM A MATÉRIA

Bom, eu estou nesta Universidade como professor desde 1947. Alguns pais de vocês não tinham nem nascido ainda. Minha primeira aula na Universidade foi em março de 1943, nesta casa de André da Rocha, onde a Faculdade de Filosofia foi sediada inicialmente. E onde eu tive a primeira aula? Na sala onde é hoje a pós-graduação. Exatamente na mesma sala eu tive uma aula de cálculo integral.

Vejam bem, a nossa universidade tinha sofrido uma reforma muito drástica, muito positiva no meu entender. Aboliu as cátedras. Eu, catedrático, mais de duas vezes naquela época já, fiquei muito contente e muito espantado. A cátedra era um impedimento da elasticidade, da dinâmica, da mobilidade, do crescimento da Universidade. Os departamentos foram instituídos, mas muita reforma interna foi estabelecida também. E muitos departamentos ficaram enfraquecidos. O nosso Departamento de Zoologia tinha três professores: uma pessoa em tempo integral com excelentes bolsistas e dois colaboradores, professores de tempo parcial. Um deles, o professor Ludwig Backup, que sempre diz que o Departamento de Zoologia cabia no banco de entrada do Instituto.

A botânica não conseguia o reconhecimento de sua pós-graduação na CAPES. Estava fragilizada. Então o que nos ocorreu, na época na direção do Instituto de Biotecnologias, que estava recém se iniciando, foi introduzir, dentro do Departamento de Zoologia e Botânica um programa novo, ocupando essa onda de interesses na área ecológica interdisciplinar. Por isso, foi fundado o Núcleo Interdepartamental de Estudos Ecológicos, que creio foi

primeira iniciativa interdisciplinar desta Universidade, pelo menos dessa dimensão. Nós tínhamos, na mesma sala, biólogos, químicos, médicos, geógrafos, geólogos. E convidávamos o pessoal da agronomia, do Instituto de Biopesquisa, Geoprocessamento, e frequentemente economistas e também professores da área do direito, da área da medicina e, evidentemente, da área de políticas públicas, ciências políticas, para as reuniões. Nosso processo de implantação do NIDECO foi acompanhado de uma outra faceta.

3. O APOIO DA ALEMANHA AOS PROJETOS

O DAAD alemão realizava encontros de seus antigos bolsistas e nós insistimos que um encontro fosse em Porto Alegre e o assunto fosse o meio ambiente. Isso ocorreu em 1973. Nós tivemos, ali no prédio da antiga Faculdade de Medicina, uma extraordinária reunião: o interesse público estava ali. Foi a maior reunião que se fez, na época, em torno do meio ambiente. Quatrocentas pessoas estavam inscritas. Tínhamos alguns visitantes da Universidade de Saarbrücken e eu gostaria de citar especialmente Paul Müller, que mais tarde se tornou reitor da Universidade e presidente do Estado do Saarland, Alemanha. Tínhamos um grupo de Freiburg, de ecologia florestal, e se dinamizou uma discussão nova para nós, que resultou em um excelente convênio com a Alemanha, que trouxe, quem sabe, naquela época, o primeiro fluxo de recurso estrangeiro para a nossa Universidade. Na época, era muito dinheiro e permitiu estruturar a parte física do NIDECO. A Universidade não gastou praticamente um tijolo nas edificações, nem nos equipamentos, nem na rede interna de informática do NIDECO, hoje Centro de Ecologia. Mesmo os móveis foram todos adquiridos, de uma forma ou outra, através de projetos desse convênio com a Alemanha. Isso nos permitiu várias iniciativas.

4. A IMPLANTAÇÃO DAS ESTAÇÕES ECOLÓGICAS

A primeira iniciativa veio com Paulo Vieira Neto, que iniciou uma programação importantíssima, que nós deveríamos retomar. Ele iniciou a implantação das estações ecológicas, que não são somente reservas naturais. Reserva natural é uma coisa. Estação ecológica, por lei, por definição da lei de 1981, prevê pesquisa. Deve-se fazer pesquisa, inclusive é reservada uma porcentagem da área para efeito de pesquisa. Pesquisa de observação, mas também pesquisa ativa. Houve a implantação, no país, naquela época, de 12 novas estações ecológicas, duas aqui no Rio Grande do Sul. E nós fomos procurar o Paulo, numa das conferências de Porto Alegre, e oferecemos os préstimos da Universidade para organizar uma estação ecológica. E fizemos isso na qualidade de coordenador administrativo, depois coordenador de implantação e coordenador científico também.

Quais eram as estações? A primeira era a do Taim. A segunda era a Aracuri-Esmeralda, na Região do Planalto. Taim, como vocês sabem, corresponde a 32 mil hectares, 12 km de costa, numa zona extremamente importante por causa dos banhados, e não só por causa dos banhados, mas porque está entre a Lagoa Mirim e o Oceano Atlântico. Nós conseguimos os recursos de desapropriação, desapropriamos, construímos lá os prédios, os laboratórios, os alojamentos dos estudantes, 48 espaços, salas de seminários, infra-estrutura, locomoção, barcos etc. E, obviamente, uma coisa não tão ecológica, uma grande churrasqueira. O Taim foi, para nós, um instrumento muito importante de atuação. Num determinado momento, um terço das aves aninhadas no país foram feitas no Taim, de aves migratórias que vivem no Hemisfério Norte e que passam por lá. Um trabalho extremamente importante feito pela UNISINOS.

Novas espécies animais também foram descobertas lá. Paulo Backup, da graduação, descobriu várias. Outro aluno de pós-graduação descobriu novos roedores, que levam o nome dele. Os alunos tiveram uma enorme possibilidade de atuação no Taim. Aquilo era um paraíso. Era um trabalho eufórico. Inicialmente, acampavam, mesmo no inverno, participavam de maneira construtiva e, mais tarde, tivemos a chance de envolver também a Universidade de Pelotas e a Fundação Universitária de Rio Grande no processo. Lamentavelmente, em 1981, por determinação oficial, as estações ecológicas foram passadas para o IBAMA. Passou para a esfera da administração governamental e parou.

Assim também a Aracuri-Esmeralda. A Aracuri-Esmeralda tem um fenômeno fantástico quanto à migração de papagaios. São milhares de aves, em abril e maio, que estão lá, milhares. Antigamente, diziam que eram 30 mil que pousavam no capão. Depois levantavam vôo e saíam. Aquilo deu um estímulo enorme, se estudou lá o efeito das queimadas sobre a recuperação dos pinheirais. Uma série de coisas importantes foi realizada. Construímos três casas lá, montamos toda a infra-estrutura também. Lamentavelmente, as estações ecológicas não estão mais aqui.

5. O PLANTIO DO SOJA E A EXPORTAÇÃO DE FRANGOS

O outro tema que começou a surgir para nós, dentro desses novos desafios, foi o episódio, acho que todos se recordam, pelo menos os brasileiros que estão aqui, do retorno de uma enorme carga de soja contaminada por sementes que, por sua vez, tinham agrotóxicos, da China. Eu sou originário da área rural, pois sou de Taquari. Lá acompanhei a implantação do minifúndio, a sua crise e sua salvação, através da agricultura intensiva familiar e da suinocultura. Nesse sentido, a organização de cooperativas no Estado é uma história bonita. Com o correr dos anos, tanto no Noroeste do Estado, como naquelas chamadas colônias antigas, italianas e alemãs, na região de Caxias do Sul, a exportação de frango se tornou um 'must'. Hoje somos o maior país exportador de frangos do mundo. Então nós começamos a fazer os laudos de exportação de todas as exportações do Estado, até do Paraná. Isso foi muito importante, pois nos deu uma experiência enorme.

6. A IMPORTÂNCIA DA UNIVERSIDADE DENTRO DO PROCESSO

Eu ainda queria falar outra coisa. Eu não sei se eu estou cansando vocês, mas acho que deve ser divulgada. Eu gostaria de me fixar em um outro tema, que ilustra melhor o papel na Universidade no processo. Em 1977, o governo de Santa Catarina nos solicitou para fazer um estudo integrado da região carbonífera de Criciúma e do rio que corre através dessa região. Lá fomos nós, amadores, aprender muito. Instalamos laboratórios em casas de colonos, ao lado dos riachos. Vocês podem imaginar isso? Ficamos coletando amostras de hora em hora e começamos a fazer os primeiros testes, que eu não sei se não foram os primeiros do país, mas em todo o caso, foram os primeiros realizados por nós. Havia gaiolas e armações, onde expúnhamos nossos animais de teste. Foi extremamente interessante o trabalho, pois procurávamos ver a correlação da mineração com a saúde e não foi tanta surpresa o fato de não haver registros que conectassem o assunto da saúde com o assunto ambiental. Não estávamos habituados a isto, não estávamos nem induzidos a ir fazer esses registros. Quem sabe até hoje os nossos registros de saúde têm essa falha, de não conectar o elemento ambiental a eventuais manifestações. Nós tivemos uma vitória, mas isto saiu em 1978, que foi o Relatório final da Fundação de Apoio à Tecnologia e Meio Ambiente de Florianópolis, do governo de Santa Catarina e a da UFRGS. Este relatório não é só histórico, mas também muito interessante, porque data de quase 30 anos. Nesta época não se fazia pesquisa nestes termos, nem dessa forma. Esse documento provocou uma reunião muito importante da Eletrosul, com participação de centenas de pessoas em Florianópolis, para nortear o planejamento ambiental e o planejamento regional em torno de Criciúma.

O segundo estudo em torno do carvão foi feito por solicitação da companhia elétrica em Candiota, que é a maior mina a céu aberto da América do Sul, acho da América Latina. Lá se planejava a instalação de termoeletricas. Uma coisa muito importante, de certa dimensão, foi a avaliação ambiental. Novamente trabalhamos com carvão, já agora com 60 e tantas pessoas. Fizemos ao longo de muito tempo um monitoramento, os primeiros testes de avaliação por exposição, bioindicadores por exposição, especialmente vegetais e poluição aérea, e deixamos um planejamento regional, especialmente da região de Candiota, desde o Rio Candiota até o Rio Jaguarão. Ainda hoje, às vezes, o nosso grupo ou um outro grupo do nosso elenco é solicitado para operar e participar de trabalhos lá.

O terceiro trabalho que considero importante: fizemos um outro projeto extremamente ambicioso. Ele se destinava a fazer uma avaliação integrada da zona do baixo Jacuí, Charqueadas, São Jerônimo e mais 7 municípios. Novamente o carvão, mineração, agora já com uma usina termoeletrica funcionando bem e com uma mineração bastante atuante também. Nós reunimos uma equipe e eu acho que foi o maior episódio, para mim uma das grandes alegrias, de coordenar este trabalho com 96 pessoas na avaliação ambiental de Charqueadas e arredores. Durante anos nós não examinamos simplesmente o que acontecia com os metais pesados que saíam como detritos do carvão e se transferiam para a parte mais aquosa e eventualmente para a vegetação, etc. Não examinamos só os particulares, não monitoramos só as 3 microbacias na saída. O que se fez foi um estudo pela boa conservação

da ciência do solo, da recuperação dos dejetos, o estudo do impacto de saúde. Fizeram o levantamento de mais de 10 mil escolares. Quem fez isso foi nosso ex-aluno, Roberto Juliani, e o grupo de genética médica. Convocamos o pessoal do Hospital de Clínicas, que fez o levantamento de 400 mineiros e não-mineiros da zona, além de um estudo particular feito pelo grupo da química da nossa Universidade.

Mas mais do que isso, nos interessava saber como é que esses mineiros, que se aposentam muito cedo, eventualmente se sustentam. É muito bonito todos receberem ainda, em novembro, uma convocação, um convite para a reunião dos ex-mineiros. Eles se reúnem e discutem não somente nostalgias, mas problemas que têm. Nós procuramos avaliar qual era a perspectiva de novos empregos em áreas alternativas de trabalho. Assim como também nos interessava saber como é que essa coisa toda funcionava quanto à informação sobre os assuntos ambientais do cidadão, do homem comum, do escolar. Queríamos saber como é que se fazia uma decisão em nível municipal. E fizemos um contato muito forte com os vereadores, com os prefeitos, para analisar como é que se decidiam as questões. Quais são os impedimentos, como é que se formulam opiniões, no sentido de haver decisões sobre assentados, tudo isto resultou em tese de mestrado, há doutorado feito nisso, são mais ou menos 36 em total e disso nasceu também um livro, que é a obra “Carvão e Meio Ambiente”, pela nossa Universidade, que relata o essencial desse processo, a avaliação ambiental com dados, não somente com suposições, e com perspectivas de planejamento.

Para nós foi um grande exercício e uma oportunidade de trabalhar com um grande número de pós-graduações, com um grande número de companheiros. Era bonito estar na mesma sala, sentado com o pessoal da Agronomia e ao lado deles pessoas da Ciência Política. Então na mesma sala operamos da mesma forma, para o mesmo objetivo, todos com as suas perspectivas e experiências. Avaliação ambiental é isto, e nós devemos continuar a investigar.

Há outras atividades que envolveram a Universidade. Há uma contribuição muito forte com a rede metropolitana sobre o controle da poluição do ar.

E em 1996, já quando eu estava na CAPES, tive a oportunidade, preocupado com essa situação da Universidade, de fazer uma proposta. Eu entreguei para a Secretária-geral do Ministério do Meio Ambiente, que naquela época estava respondendo pelo Ministério, propostas para a inserção da Universidade brasileira nos processos do Ministério do Meio Ambiente. Eu pensava que a Universidade devia ser associada com esse processo. Nós fizemos uma proposta de 10 pontos em que nós podíamos cooperar, através de uma agência especializada. Eu acho que é necessário que haja um fundo específico para assuntos de meio Ambiente. Estou usando de novo esta oportunidade para fazer um pouquinho mais de propaganda dessa proposta. A Universidade deve ser incluída, de maneira dirigida e incentivada, com encargos, no processo de análises e monitoramentos ambientais e nós temos, certamente, no Brasil, uma razoável competência para isso hoje.

7. A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Mas eu não queria deixar de fazer um rápido comentário, porque foi mencionada a CAPES e a atividade que eu desempenhei lá, na coordenação da cooperação internacional, de 95 a 2002, durante 8 anos, portanto. Nós ampliamos muito a cooperação internacional e o princípio da cooperação internacional era sempre o seguinte: nós estamos em condições maduras de fazer intercâmbio, não decidindo só na formação de recursos no âmbito de pessoal, como era habitual, mas de associação institucional, fundamento institucional. Tanto é assim que o Projeto FIPSE-CAPES tem obrigatoriamente a assinatura, não somente do coordenador de carreiras, mas da comissão do curso e do Reitor. Isto é, tem que ser aprovado até em altas instâncias por causa do reconhecimento dos créditos cursados em intercâmbio. É este tipo de integração que nós queremos atingir. Há a necessidade de renovação, de desafios, de provocação para reexaminar aquilo que fazemos todos os dias, de metodologia, de estrutura curricular, de substância de matéria. Isto é fundamental e este programa tem esta finalidade também.

Conhece-se até uma proposta de reforma universitária alemã em face do processo de globalização. Ela precisa se atualizar, se colocar em campo. Pergunto se nos esforços da reforma dita universitária no nosso país, a qualidade é adequadamente considerável. Como isto se traduz, eventualmente, em termos mais práticos?

E isto eu procurei colocar num paper que a CAPES me pediu quando montou o novo plano plurianual que está sendo elaborado pelo MEC. A CAPES queria alguma coisa sobre cooperação internacional. Eu procurei informar o seguinte: a cooperação internacional acadêmica, através de diversos órgãos do governo, inclusive a CAPES, tem evoluindo solidamente para o crescimento da imagem de credibilidade da competência e da seriedade do Brasil no estrangeiro. Se existe no país ampla qualificação universitária para isto, e nós temos visto, a presença acadêmica brasileira também mostrou com frequência sua utilidade com parceiros de desenvolvimento e relações diplomáticas. Nos processos de integração política econômica, como o MERCOSUL, a Comunidade Européia e mais recentemente em bloco de países em desenvolvimento, a associação promovendo a integração cultural sem perder a sua identidade cultural e a sua soberania nacional mostra a sua importância.

Nos processos de integração sujeitos às modificações de globalização, as fronteiras ficam mais pálidas, ficam menos visíveis, os capitais e os repasses de investimento são feitos com facilidade e com extrema rapidez, instantaneamente. E nós temos agora o MERCOSUL e uma integração cultural e acadêmica pode constituir um fator de estabilidade, sério, contínuo, um crescente processo de aproximação e integração internacional que se tem conduzido com propósitos claros, independente do que economicamente vai para cima ou vai para baixo.

Eu sempre me lembro de um episódio que me contaram. Naqueles bombardeios tremendos, horríveis, na Europa, em 44, 45 que arrasava cidades inteiras, uma cidade não foi bombardeada, a cidade de Heidelberg, universitária. Quem conhece sabe que ela é pitoresca, gostosa e diziam para mim que a cidade não foi bombardeada porque dentro do universo

americano na condução dos planejamentos estratégicos havia muitos que tinham estudado em Heidelberg. Isto protegeu a cidade. Quem sabe o nosso intercâmbio curricular, a nossa atividade mais intensiva, mais presente, mais atuante, sirva também para o processo de integração efetiva, sustentável, do futuro.

A Comunidade Européia está fazendo isso hoje, vocês todos sabem. Há um projeto da integração universitária em todos os países da Europa. Vocês devem estar acompanhando a consolidação da União Européia, apesar das recentes votações na França e Holanda contra a proposta de uma Constituição. Essa foi a filosofia com que nós procuramos ampliar as atividades da CAPES na cooperação internacional e eu quero me felicitar com vocês que são soldados de todo o dia, que estão operando e coordenando, coordenando e suando para que isto aconteça, em pequena escala. É um grão, mas muitos grãos vão se associar. Eu acho que o caminho é esse. Desculpem o tempo, muito obrigado, e agradeço essa homenagem que me foi prestada.